**LEITURA LITERÁRIA: O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE RIBEIRINHA NO CONTO ZÉ MUTRICA E JOÃO PESCADOR DE MAURO GUILHERME.**

**Resumo:**

Este artigo busca analisar o conto “Zé Mutrica e João Pescador” de Mauro Guilherme, abordando a variação linguística, o dialeto do caboclo amazônico, a cultura do ribeirinho e o reconhecimento de sua identidade. Neste sentido, são várias as vozes teóricas que alicerçam esta pesquisa como Meillet (1866-1936), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Ronaldo Beline (2001), Calvet (2002), Vieira (2001), Bosi (1936), Lotman (1978); Loureiro (1995) entre outros. A análise do conto supracitado, leva em consideração o dialeto do caboclo amazônico, num painel que favorece o reconhecimento de sua identidade na esfera nacional.

**Palavras – Chaves:** Variação Linguística,Dialeto, o reconhecimento da identidade.

1. **Introdução**

Essa pesquisa tem como objetivo estudar a língua falada do caboclo Amazônico, a partir da análise do conto “João Pescador e Zé Mutrica” do livro “As Histórias de João Pescador” de Mauro Guilherme, que foi premiado no Concurso de Literatura Juvenil da UBE (RJ)-2007. Mas antes, vamos trabalhar a concepção social da língua, os diferentes tipos de variações linguísticas, o limite dessas variações, e as atitudes e preconceitos em relação as mesmas.

É importante ressaltar que esta pesquisa traça uma concepção que põe em foco a análise do falar caboclo e o reconhecimento de sua identidade na esfera nacional. Os dados teóricos apresentados, são para explicitar a necessidade de entender a variação linguística, o dialeto do caboclo amazônico e sua cultura, buscando validar o respeito a língua cabocla e a valorização da sua identidade.

Visto que, em todo o mundo existem entre 6.000 e 7.000 línguas diferentes e cerca de 200 países. Um cálculo simples mostra na teoria cerca de 30 línguas para cada país, sendo que em alguns países podem existir mais línguas que em outras. Essa diversidade linguística permite que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar de contato pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade.

As línguas mudam depois de passar por um período em que há variação, em que coexistem duas ou mais variantes. A língua muda a partir do momento em que entra em contato com outra língua. A mudança pode ser provocada também por fatores internos a língua e a comunidade em que ela é falada.

Então, a sociedade muda a língua de acordo com as mudanças do seu meio social. Com isso, a sociolinguística busca verificar de que forma os fatores linguísticos e extralinguísticos estão relacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis gramaticais de uma língua (a fonética, a morfologia e a sintaxe) e também no seu léxico.

A variação linguística sempre existiu, mas é dentro da comunidade acadêmica que essa discussão é mais recorrente. Muitas pessoas fora dessa comunidade acabam tendo problemas em aceitar essas variações, pois elas acreditam que a língua é homogênea, sólida e idealizada, elas não querem aceitar uma ideia diferente dessa, mesmo que tenham vários estudos linguísticos, no entanto, as dificuldades no ensino da língua e o preconceito linguístico são as principais consequências.

1. **Concepção Social da Língua**

Segundo a abordagem sociolinguística, as línguas são um sistema de regras inerentemente variáveis (diversidade), já para abordagem gerativista as línguas são um conjunto de regras que não variam (unidade). Antes de ser definida a concepção social de língua existiram várias divergências entre a linguística e a sociolingüística.

Grandes estudiosos discutiram sobre essa concepção de língua. O francês Antoine Meillet (1866-1936) foi o primeiro linguista a definir a língua como um fato social. O mesmo enfatiza em sua definição o fato social apresentado na teoria do sociólogo Émile Durkheim, onde a língua é defendida como um fato exterior ao indivíduo, ou seja, ela independe de cada um dos indivíduos que a falam.

 Meillet (1866-1936) foi apresentado, na maioria das vezes, como discípulo de Ferdinand de Saussure (1857-1913). No entanto, com a publicação (póstuma) do Curso de lingüística geral Meillet (1866-1936) se distanciou dele, pois em sua obra Saussure separava a variação lingüística das condições externas de que ela depende, porque para ele a língua só pode ser considerada em si mesma e por si mesma. Enquanto, Meillet (1866-1936) diz que a língua não pode ser estudada dessa forma, ou seja, isolada da sociedade.

Meillet, contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação linguística enquanto inserida nas transformações sociais (1921). Mas discípulos de Saussure, como Martinet (1961), aplicaram-se a rejeitar essa concepção, insistindo fortemente em que a explicação linguística se limitasse às inter-relações dos fatores estruturais internos. Com essa atitude, aliás, eles estavam seguindo o espírito do ensino saussuriano. Com efeito, um exame aprofundado dos escritos de Saussure mostra que, para ele, o termo ‘social’ significa simplesmente ‘pluri-individual’, nada sugerindo da interação social sob seus aspectos mais gerais. (CALVET, 2002, pp. 23).

Existem algumas contradições entre esses dois linguistas: a primeira em que Saussure opõe a linguística interna da linguística externa, já Meillet as associa; a segunda onde Saussure distingue abordagem sincrônica da abordagem diacrônica, enquanto Meillet (1866-1936) busca explicar a estrutura pela história.

Além disso, para Saussure a língua é social somente na comunidade, para Meillet (1866-1936) quando a sociedade muda a língua também muda para abarcar as necessidades linguísticas da sociedade.

William Labov (1994) ao pesquisar a fala dos negros americanos desenvolveu algumas críticas com relação à oposição binária entre os dois códigos e depois sobre os conceitos lingüísticos apresentados por Bernstein. O mesmo diz que, Bernstein não descrevia códigos, mas, sobretudo estilos, pois ele não apresentava nenhuma teoria descritiva. Mesmo assim, Bernstein teve grande importância para a construção histórica da sociolinguística.

Labov (1994) estuda a evolução da língua em seu contexto social, essa é a semelhança existente com os estudos de Meillet (1866-1936), a diferença é que o primeiro trabalha com situações contemporâneas concretas enfrentando problemas de metodologias em sua pesquisa, enquanto o segundo trabalha com as línguas mortas.

 Portanto, com a contribuição de muitos pesquisadores, uns sendo mais relevantes que outros, mas cada um contribuindo do seu jeito. A partir de 1970, a sociolinguística adquiriu posições consideradas através de publicações de artigos referindo-se a mesma, em revistas ou coletânea. Isso representa a luta por uma concepção social da língua.

1. **Variação linguística**

Segundo Ronaldo Beline (2001), diversas línguas existem no mundo como, por exemplo: o espanhol, o galês, o basco, etc. Sabe-se que no Brasil não há apenas a língua portuguesa, mas também as línguas indígenas. Com isso, pode-se inferir que a diversidade linguística pode ser visível dentro do próprio país, pois as línguas indígenas também são um produto social e cultural, assim como qualquer outra língua.

As variações linguísticas são as diferenças de pronúncia, vocábulo, estrutura e constituição, mas que não impede a comunicação entre os falantes, pois a língua há algum grau de homogeneidade se não, as pessoas não conseguiriam se comunicar.

 No Brasil podem ser encontradas diversas variações linguísticas se comparar os léxicos ou os vocábulos regionais. Onde um mesmo fruto, por exemplo, pode ser representado por diferentes vocábulos em outras regiões. Esses vocábulos podem variar de região para região, não apenas com relação aos aspectos lexicais, mas também fonéticos e gramaticais. Apesar de serem vocábulos diferentes o falante dessa língua reconhece a sua língua pela constituição dos sons e pelo padrão silábico.

São encontradas, em uma mesma língua, várias pronúncias para um mesmo vocábulo. Se essas variações de pronúncias se derem por conta do lugar ocorre uma variação **diatópica**. Se forem com relação à situação em que um indivíduo está falando (mais formal ou mais informal) ocorre uma variação diafásica. Além dessas variações existe outra variação, que ocorre de acordo com o nível socioeconômico do falante, chamada de **diastrática**.

As variantes linguísticas podem ocorrer no campo lexical quando existir vários vocábulos regionais para um mesmo significado como, por exemplo, a palavra “jerimum” muito utilizado na Bahia, correspondente a “abóbora”, termo comum nos estados do Sul e Sudeste de nosso país; no fonético quando existir variações nos sons, por exemplo, os paulistanos pronunciam o –r em final de sílaba como uma vibrante simples – um “flap”.

 Já os cariocas aspiram ao mesmo –r como um /h/; no morfológico quando existir variações nos morfemas flexionais de categorias, por exemplo o -r no final de uma palavra indica que é um verbo no infinitivo, mas a ausência dele pode indicar uma outra categoria; e no sintático quando houver variação nos limites da frase de uma língua.

A variação de categorias linguísticas gramaticais através de morfemas flexionais distingue a variação morfológica das demais variações gramaticais. Essa variação não é obrigatoriamente uma variação diatópica, que ocorre em regiões diferentes, ou seja, ela pode correr na mesma região por situações de fala (diafásica) ou por fatores extralinguísticos como a idade e nível econômico do falante. Pois:

Podemos ter falantes que apagam mais o /r/ nos verbos em forma infinitiva e falantes que o apagam também consideravelmente em substantivos, como “colhé” e “senhô”. Estamos falando de contextos lingüísticos relacionados à aplicação de uma regra: a regra do apagamento do /r/ final em PB. Trata-se de uma regra variável, à medida que é aplicada ou não conforme fatores linguísticos, tais como classe de palavras (o -r está num verbo infinitivo ou num substantivo), e também conforme fatores extralingüísticos, tais como idade e nível econômico do falante. (BELINE, 2001, pp. 131).

 A **variação sintática** é diferente da morfológica, pois ocorre dentro dos limites de uma frase e não de uma palavra de determinada língua. Essa variação só vai existir quando duas ou mais construções sintáticas diferentes expressarem o mesmo sentido.

É necessário ressaltar que essas variações linguísticas gramaticais (fonética, morfológica e sintática) e lexicais podem ocorrer devido à localização geográfica dos falantes e em aspectos sociais, tais como escolaridade do falante e formalidade ou informalidade da situação de fala.

Existem várias línguas diferentes, como já foi exposto acima. Cada língua possui um conjunto de regras diferentes das demais. Sendo que pode existir semelhança entre essas regras, por exemplo; o espanhol e o português possuem semelhanças gramaticais com relação aos morfemas flexionais de número e pessoa verbais em concordância como o sujeito.

 Dentro desse conjunto de regras existem outros subconjuntos de regras, conforme o lugar e os aspectos sociais, ou seja, podem existir diferentes regras selecionadas dentro de cada conjunto. Portanto, a variação linguística pode chegar até o nível do indivíduo, ou seja, essa variação pode ocorrer dentro da própria comunidade de fala.

A nossa pesquisa “O dialeto do caboclo amazônico” analisa o registro de fala a partir de dois personagens do conto “João Pescador e Zé Mutrica” de Mauro Guilherme. Nesse caso, não iremos aprofundar a variação linguística dentro de uma mesma comunidade de fala, pois não vamos analisar as diferenças de fala dos dois personagens, mas analisar as variantes linguísticas existentes nessa comunidade.

1. **Comportamentos linguísticos**

O comportamento social influência no comportamento linguístico do falante, na medida em que os usuários da língua são influenciados, por aspectos geográficos sociais e históricos, com a mentalidade da forma correta de se falar uma língua, tomando como base a gramática normativa, sem levar em conta as **variantes linguísticas**. Utilizando, algumas vezes, um juízo de valor sobre a sua própria fala ou sobre a fala do outro.

Os falantes podem se sentir seguros ou inseguros com algumas pronúncias de sua língua. A segurança linguística provém quando os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar no momento em que eles consideram sua norma como uma forma legítima da língua. Já a insegurança linguística ocorre quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam.

No instante em que o falante se sente inseguro com relação a seu próprio modo de falar, quando o mesmo busca imitar e adquirir uma forma de falar mais prestigiosa que a sua, através da hipercorreção. Essas motivações ocorrem muito mais por motivos sociais do que por motivos lingüísticos. “[...] a hipercorreção e a hipocorreção são estratégias que se deixam ler nos discursos, mas que têm outra função, uma função social [...]” (CALVET, 2002, pp. 71).

Neste sentido, entendemos que é importante abordamos sucintamente a respeito do falar caboclo, como também da cultura cabocla e do reconhecimento da identidade ribeirinha, visto que o conto “João Pescador e Zé Mutrica” (GUILHERME, 2010) que será analisado nesta pesquisa, envolve o universo do caboclo amazônico.

1. **A fala amazônica**

 Para compreendermos a fala amazônica é necessário entendermos um pouco da colonização no Brasil, visto que esta modificou o modo de vida dos povos nativos, ao passo que o escravizou causando uma ruptura em relação a própria identidade que eles tinham. Neste sentido Bosi afirma que:

A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer (Bosi, 1936, p. 15).

 A influência europeia (1500-1838) foi um estigma de grande mudança na língua, nos hábitos e na cultura de vários povos, inclusive dos indígenas, ao passo que a catequese teve sua contribuição no quadro de tais transformações. Como afirma Vieira: “se eu não entendo a língua do Gentio, nem o Gentio entende a minha, como o hei de converter e trazer a Cristo?” (Vieira 2001: 607). Nesta direção Bosi aponta que:

Vieira movia às cruezas da escravidão nos engenhos do Nordeste arrimava-se em um discurso universalista de cadências proféticas ou evangélicas, soando anacrônico falar, nessa altura, de princípios liberais ou, menos ainda, democráticos. A mensagem cristã de base, pela qual todos os homens são chamados filhos do mesmo Deus, logo irmãos, contraria, em tese, as pseudo – razões do particularismo colonial: este fabrica uma linguagem utilitária, fatalista, no limite racista, cujos argumentos interesseiros calçam o discurso do opressor. Ou seja, as razões orgânicas da conquista, que, com poucas variantes, se reproporia em escala planetária até a última fase do imperialismo colonial a partir dos fins do século XIX (BOSI, 1936, p. 36).

 Ao longo do período colonial a língua indígena fez parte das relações sociais na Amazônia, até mesmo depois da Independência. Em 1823 as duas ex-colônias lusas - o Estado do Brasil e o Estado do Grão-Pará - foram unificadas conhecida como Brasil, embora a língua portuguesa sendo hegemônica em grande parte do litoral brasileiro, ela continuava minoritária na Amazônia. Como afirma o historiador José Honório Rodrigues:

A vitória real da língua portuguesa no Brasil só foi registrada 300 anos depois da chegada dos descobridores, quando os brasileiros falaram pela primeira vez sua própria língua, em reunião pública, nos debates da Assembleia Constituinte de 1823 (Rodrigues,1983, p. 21).

 No entanto, na diversidade de línguas amazônicas, prevaleceu a linguagem falada, de origem Tupi. O processo de mestiçagem deu origem a população cabocla e a cultura cabocla, embora existam várias línguas indígenas, a língua portuguesa é a língua dominante, e o contato de línguas (indígena, portuguesa, africana entre outras) repletas de palavras arcaicas, penetrou na linguagem dos moradores ribeirinhos, marcando no cenário amazônico o falar caboclo.

 Sob esta visão Conseriu sinaliza que: “[...] as palavras são formas de cultura que acompanham na sua difusão os conceitos e os objetos da civilização” (Conseriu,1982, p. 111).

 Ao longo do período colonial a língua de *comunicação interna da Amazônia,* e até mesmo nas primeiras décadas do século XIX, foi, relativamente, a Língua Geral Amazônica (LGA), o que acabou de certa forma, retardando o processo de hegemonia do português.

 A língua interna da Coroa Portuguesa não era o português, para que houvesse comunicação com seus subordinados era obrigado que os jesuítas servissem de porta voz dela. A colonização provocou mudanças sociais, políticas e econômicas no interior dos povos dominados, e a valorização da identidade cabocla contrapõem aos reflexos que ela causou, sendo necessário desmitificarmos a concepção que a linguagem cabocla é inferior a outras linguagens ou que possui léxicos pobres e arcaicos.

Pois, Bhabha afirma que “a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré- dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” (1949, p. 84). Sob esta visão, o caboclo ribeirinho possui seu modo de falar e a sua cultura o caracteriza, aprimorando sua identidade.

 Sinaliza Bosi que “quem procura entender a condição colonial interpelando os processos simbólicos deve enfrentar a coexistência de uma cultura ao rés – do – chão, nascida e crescida em meio às práticas do migrante e do nativo, e uma outra cultura, que opõe à máquina das rotinas presentes as faces mutantes do passado e do futuro, olhares que se superpõem ou se convertem uns nos outros” (1936, p. 36). Ou seja, entender o que é cultura é fundamental para se compreender o período colonial e a relação entre dominador e dominado.

1. **CULTURA CABOCLA**

Compreender o que é cultura é fundamental para agregarmos valor ao falar caboclo, neste sentido, segundo Bosi (1936, p. 16) “cultura é um conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social”.

 A cultura brasileira é cultura que recebe influência de outras culturas e povos, desde o início da colonização, essa relação é bastante similar, proporcionando uma gama de culturas que a permeia. Tendo a forte presença de vários povos, inclusive dos indígenas, africanos e dos portugueses.

O caboco amazonense tem um modo específico de vida, é representante de uma cultura que, embora seja pouco valorizada, faz com que o seu falar seja marcado por elementos linguísticos lexicais. Ele tem uma identidade que o caracteriza e que ele construiu ao longo dos anos.

Segundo Figueiredo a cultura amazônica é resultante da “integração dos elementos culturais de que eram portadores os que participaram do processo de colonização da região” (FIGUEIREDO; VERGOLINO, 1972, p. 35).

 Nesta ótica, “o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida formadores da organização social e um sistema de conhecimentos, práticas e usos de recursos extraídos da floresta, rios, terras e águas [...]” (BENCHIMOL1977, p. 534)

 Entender o falar caboco, significa compreender seu universo biofísico e social, significa assimilar que é um falar que o caracteriza, não difere do falar regional. O caboco amazonense tem seu modo de vida, sendo formador de opinião e tem um falar marcado pelo processo.

1. **O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE RIBEIRINHA**

É necessário trazermos uma breve noção do que é identidade, nesse sentido, segundo Bernd Zilá (1992) quando o indivíduo adequa- se a diversos grupos com os quais interage ele constrói várias identidades, em outras palavras, a identidade é um conjunto de fatores sociais, antropológicos, históricos, religiosos etc., responsável por aproximar aqueles que são diferentes e por aproximar culturas diferentes.

A cultura do ribeirinho é uma cultura rica, tanto no modo de conceber o mundo como na gama de léxicos, nesta acepção Paes Loureiro diz que é:

uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda. (...) Uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou, poeticamente, o imaginário (até o final dos anos 50) destes indivíduos isolados e dispersos às margens dos rios (...) Nesse contexto, isto é, no âmbito dissonante em relação aos cânones urbanos, o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos do seu mundo, recorrendo dominantemente aos mitos e à estetização. (...) Entende -se aqui, por uma cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada em primeira instância, pela cultura do caboclo. (LOUREIRO, 1995: 30, 26 e 27)

A cultura ribeirinha ao longo dos anos é vista como uma cultura pobre e inferior a outras culturas. Contrapondo a esse pensamento preconceituoso e alienante, reiteramos que esta cultura tem suas riquezas, ao passo que ela cria e recria no ribeirinho uma nova visão da realidade.

E esta “cultura agarra-se a um multilinguismo específico. Não é por acaso que a arte, ao longo do seu desenvolvimento, se liberta das mensagens envelhecidas, mas conserva na memória, com uma extraordinária constância, linguagens artísticas das épocas passadas”. (LOTMAN, 1978, p. 47).

Faz-se necessário assimilar a cultura cabocla como apenas uma forma de identidade, que interpelam as populações que vivem na Amazônia. Neste contexto, o caráter dessa identidade pode ser considerado como um caráter que apenas identifica a população que faz uso de uma linguagem e não serve como caractere diferenciador de culturas.

 Na cultura ribeirinha o espaço em que ele vive é bem significativo, o modo como ele vive e de que ele vive devem ser considerados para se compreender o motivo de valorizarmos seu jeito de falar e seu o de conceber o mundo, este em que algumas pessoas julgam o seu comunicar e a sua interação com o outro.

É necessário valorizar a cultura do outro, mesmo que a cultura cabocla não tenha conquistado vastos espaços no eixo valorativo nacional, ela é cultura e permeia a periferia amazônica fazendo muito sentido quando é analisada por este ângulo.

1. **Conto: João Pescador e Zé Mutrica**

O conto “João pescador e Zé Mutrica” de Mauro Guilherme (2010), narra a estória de dois pescadores, João pescador e seu amigo Zé Mutrica. Pautado no modo de vida do caboclo da Amazônia e na sua linguagem, valoriza a natureza, os saberes da região e principalmente dá ênfase ao falar caboclo.

* 1. **Análise do conto**

As comunidades linguísticas se apresentam como um grande mercado, onde as palavras, as expressões e as mensagens se movimentam como mercadorias. Bourdieu diz que (apud CALVET 2002, 95) “[...] os discursos são signos de riqueza, signos de autoridade, eles são emitidos para ser avaliados e obedecidos, e que a estrutura social está presente no discurso [...]”.

Neste sentido, pensando no preconceito linguístico que as comunidades ribeirinhas sofrem, podemos dizer que a variante que os caboclos ribeirinhos possuem neste conto, é uma variante de dialeto. O dialeto é uma variação regional de determinada língua, ou seja, é a forma como uma língua se realiza em uma dada comunidade, ela pode ocorrer a nível fonético, gramatical e lexical. O principal critério que diferencia a língua de do dialeto é a inteligibilidade mútua. A língua é considerada a mãe dos dialetos e os mesmos são considerados grupos de línguas.

Como sabemos, no Brasil existem vários dialetos como: d**ialeto nortista, dialeto sertanejo**, d**ialeto sulista**, **dialeto baiano,** **dialeto nordestino**, d**ialeto interiorano, dialeto mateiro**, d**ialeto recifense**, **dialeto florianopolitano, dialeto carioca**, d**ialeto brasiliense, dialeto cearense**, d**ialeto gaúcho e o** **dialeto mineiro entre tantos outros ainda não especificados, mas o dialeto que nos interessa faz da região Amazônica.**

A linguagem dos personagens do conto “João Pescador e Zé Mutrica” de Mauro Guilherme (2010) apresentam uma **variação linguística diatópica**, pois as diferenças de fala acontecem por conta da região amazônica. As diferenças linguísticas presentes nesse conto ocorrem a nível lexical, fonético e gramatical. Mas nesta pesquisa vamos dar uma maior ênfase ao nível lexical.

Podemos perceber que os personagens desse conto não conseguem associar os fonemas às letras, por exemplo, as palavras “oia”, “eta”, “dotô”, “perssoá”, “homi” e “mêmo” estão escritas de acordo com a comunidade de fala desses ribeirinhos, pois o discurso presente nesse conto ocorre de forma direta, ou seja, são os personagens quem falam. Essas diferenças de fala acontecem a nível fonético se compará-las a outras regiões.

Há também a presença da variação linguística diatópica a nível morfológico como podemos observar os verbos de acordo com o contexto “passá”, “sentí”, “dormí”, que estão escritas da forma como eles pronunciam, estão com ausência do r forma verbal do infinitivo, marca da categoria gramatical verbo, característica essa marcante no dialeto do povo ribeirinho. Com relação a variação linguística no campo sintático podemos perceber a ausência de concordância como por exemplo em os “bicho”, “nessas coisa”, “os índio” e “as coitadinha”.

A variação diatópica a nível lexical é representada pelos seguintes léxicos: “carapanã”, “assobiando”, “valha-me”, “zumbido”, “bronco”, “rancho”, que em outras regiões são representados outros vocábulos com o mesmo significado.

Esses vocábulos expostos acima são bem comuns na região amazônica. O vocábulo carapanã significa mosquito ou pernilongo nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, já na região Nordeste carapanã é conhecido como mosquito ou muriçoca. O vocábulo assobiando é mais comum nas regiões Norte e Nordeste, nas outras regiões se utiliza mais assoviando.

“Valha-me” é um vocábulo específico da Amazônia, o qual é representado em outras comunidades de fala como espanto, emoção, surpresa. Os vocábulos “zumbido”, “bronco” e “rancho” presentes no dialeto nortista possuem outros vocábulos nas outras regiões: o primeiro vocábulo significa barulho, o segundo significa tosco, rude, burro, e o terceiro vocábulo significa tapera, barraca, cabana, choupana e casa pobre segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Considerando que a fala é uma mistura de sons e fonemas indígenas, africanos e portugueses (europeus). “Assim, a linguagem põe-se como um código, com a ajuda do qual o receptor decifra a significação da comunicação que o interessa”. (LOTMAN, 1978, p. 42).

A linguagem cabocla evidenciada no conto analisado, representa a identidade ribeirinha e a valorização de sua cultura. “A valorização da identidade ribeirinha deve ser concebida não como exaltação dessa identidade, mas como a desmitificação de cultura pobre e inferior a outra, pois a cultura popular amazônica tem sua originalidade e sua riqueza” (LOUREIRO, 1995, p. 16 e 41).

Sob este prima, verificamos no dia – a- dia a existência do preconceito linguístico na esfera nacional, algumas pessoas pensam que os caboclos falam “errado”, não sabem falar bonito como as pessoas mais estudadas. Pelo contrário, a linguagem ribeirinha é tão rica como outras. Ela é rica de palavras, umas até apresentam neologismos, mas possuem um alto potencial a nível cultural.

É necessário desmitificarmos o preconceito linguístico dentro da nossa sociedade e em nossos pensamentos. Às vezes, o ribeirinho deixa de morar na periferia e vai morar no centro da cidade, e acaba sendo vítima do preconceito, como se ele não possuísse na linguagem que desenvolveu códigos linguísticos que o permitisse manter a comunicação.

O importante é comunicar-se, não interessa se algumas palavras “deveriam” ser pronunciadas de um jeito e não são, o que realmente interessa é valorizarmos a identidade do caboclo ribeirinho, àquele que tem o saber amazônico enraizado em sua linguagem. Sendo vítima do preconceito linguístico, social e até econômico.

Sendo necessário que fique bem claro que a nossa pesquisa foi feita com o objetivo de mostrarmos não somente as variações linguísticas dessa comunidade de fala e como também a necessidade de reconhecer sua identidade em esfera nacional. Não apontamos o falar “certo” ou “errado” (gramática normativa), ou “adequado” e “inadequado” (Travaglia), até mesmo porque não cabe ao dialeto (variação diafásica) do caboclo amazônico, pois as diferenças desse dialeto não ocorre por conta da situação de fala, mas pelas diferenças regionais e também sociais. Buscamos, portanto, a valorização da identidade do caboclo ribeirinho.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BELINE, Ronald. **A variação linguística** IN: FIORIN, José L. Introdução à Lingüística. Vol. I: objetos teóricos. Ed. Contexto: São Paulo, 2001.

BENCHIMOL, Samuel. ***Amazônia: um pouco antes e além*** *–* ***depois*.** Manaus: Editora Calderaro, 1977.

BERND, Zilá. Literatura e identidade nacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

BOSI, Alfredo, 1936. **Dialética da colonização**/ Alfredo Bosi – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BHABHA, Homi K., 1949. **O local da cultura** / Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 441 p. – (Humanitas)

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Editora parábola. São Paulo, 2002.

CONSERIU, Eugenio. ***Teoria da Linguagem e Linguística******Geral*.** Rio de Janeiro: presença/ São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário** **da língua portuguesa.** – 7. Ed. – Curitiba: Ed. Positivo; 2008

FIGUEIREDO, Napoleão e VERGOLINO, Anaíza. **Festas de Santos** e **Encantados.** Academia Paraense de Letras. 1972.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. ***Cultura Amazônica: uma poética do******imaginário*.** Belém: Cejup,1995.

GUILHERME, Mauro. **As histórias de João Pescador**. Contos ISBN 978 – 85 – 366 – 1776 – 3. Ed. Scortecci, 2010.

RODRIGUES**,** José Honório. ***A vitória da Língua Portuguesa* *no Brasil Colonial*.** Humanidades. Publicação trimestral da CNB, 1 (4): 21-41. Brasília, 1938.

LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1994.

LOTMAN, Iuri. **A Estrutura do Texto Artístico.** Lisboa, Editorial Estampa, 1978

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1997). **Gramática e interação: uma proposta** **para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez.

VIEIRA, padre Antônio: ***Sermões*.** Org. Alcir Pécora. São Paulo, Hedra, 2001, 2 vols.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/linguistica/dialetos-brasileiros/> acesso em 11de jul de 2014.

Disponível em: <http://amazonasinsampa.blogspot.com.br/2006/10/aprenda-amazons.html> acesso em 11de jul de 2014

Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/crianca-2/dislexia/> acesso em 11de jul de 2014.